

Colcha de retalhos – Introdução a Carl Gustav Jung

Por: Andréa Alencar¹

“Tudo em mim buscava essa parte ainda ignorada, que pudesse dar sentido a banalidade da vida.”
(Carl Gustav Jung)

I – Retalhos

Ao pensar em escrever sobre quem é Carl Gustav Jung devo começar falando de como cheguei até ele, há aproximadamente uns vinte anos atrás. Na maioria das vezes, não se chega a Jung pelas vias acadêmicas e isso se deve a vários fatores, mas esta discussão não é o mote deste texto. Claro que já tinha ouvido falar de Jung, discípulo de Freud, místico etc. mas, ainda não havia chegado a ele, conhecia o estereótipo, mas não o fundador da Psicologia Analítica. Nesta época gostava de Freud e Lacan e ainda gosto, claro! Mas, posso afirmar que com Jung é afinidade, é encontro com a teoria.

Cheguei a Jung quando me interessei por Análise de Discurso em uma pós-graduação de gramática e texto, pois enquanto pesquisava os artigos e livros de Dominic Maingueneau², acabei me deparando, aleatoriamente, com o nome de Jung em um artigo interessante, que confesso não lembro mais nem o nome ou o autor, uma lástima, mas, naquela época, estava presa ao estereótipo e as demandas do meu curso. Terminei a pós-graduação, realizei meu trabalho e quando fui fazer a limpeza de arquivos desnecessários, jogar papelada fora, eis que encontro o artigo e algo me atrai para a leitura, antes de jogar aquele papel, “desnecessário”, fora. Lembro que o artigo falava sobre a importância da Psicologia Analítica e do conceito de Individuação que era algo como sermos únicos, como nos vemos livres de amarras e assumirmos a nossa essência. Como disse, infelizmente o meu descaso, apesar de ter gostado muito do texto, me fez descartá-lo, afinal Jung não serviria para o caminho que estava traçando academicamente.

¹ Professora, Especialista em Psicologia Analítica, Analista e coordenadora do CEJAA – Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados

² Dominique Maingueneau é um linguista e professor da Universidade de Paris IV Paris-Sorbonne, onde exerce a função de pesquisador no Centre d'étude des discours, images, textes, écrits, communications. Também é membro do Institut Universitaire de France.

Contudo, aquele artigo passou anos latejando em minha cabeça, de vez em quando lembrava e em um momento em que estava meio chateada com os rumos profissionais, entrei em uma livraria e na parte dedicada à Psicologia, dei de cara com alguns poucos livros de Jung, perdidos no meio de um universo de livros de Psicologia, comprei *O eu e o inconsciente*, li em três dias e, por volta de 2005, voltei a pesquisar Jung e não parei mais de ler, apesar de todas as críticas de alguns professores e psicólogos conhecidos, alguns até associando Jung a autoajuda barata. Mas, quando perguntava se eles já haviam lido o autor, a maioria afirmava que não perderia tempo. Quanto a mim, não consegui mais parar e, além da leitura, fiz pós-graduação em Jung, Formação, grupos de estudos, até que decidi formar um grupo para estudar a Psicologia Analítica, o Centro de estudos junguianos analistas associados (CEJAA).

E é exatamente por isso que estou aqui hoje, trazendo informações um pouco em retalhos, confesso, pois resumir Jung em dez páginas não é apenas uma tarefa fantasiosa, mas se faz impossível. Contudo, as colchas de retalhos, apesar de trazerem apenas pedaços de um tecido muito maior, ao misturá-los de forma harmoniosa sempre temos um efeito agradável aos olhos, um efeito de memória. Busco apresentar Jung, para iniciantes, como essa colcha, com retalhos de memórias.

Nada mais justo do que começar falando sobre individuação, afinal foi o primeiro conceito junguiano com o qual tive contato. De acordo com Verena Kast (2016, p. 33), “O objetivo da individuação é tornar-se, entre todos os seres humanos, o indivíduo singular e único que podemos ser.” Ela afirma que, embora isso possa parecer um processo natural e que todos estejamos caminhando, durante a vida, para isso, esse não é um processo “natural e óbvio”, apenas algumas poucas pessoas se apresentam, realmente, originais. A partir disso, o que posso começar afirmando é que Carl Gustav Jung foi original, defendeu uma Psicologia, uma ciência que até hoje é polêmica e vítima de “*fake News*”. Mas, o que sua obra revela é que ele manteve o seu direcionamento, não se deixou levar pelas insistentes demandas do ego. O ideal para os críticos seria ler a vasta obra deixada pelo autor, estudioso e pesquisador da psique humana, assim tenho a certeza de que muito do que é dito cairia por terra.

Sonu Shandasani inicia a biografia sobre Jung (2021, p.15) com a seguinte fala,

Ocultista, cientista, profeta, charlatão, filósofo, racista, guru, antissemita, libertador das mulheres, misógino, apóstata de Freud, gnóstico, pós-modernista, polígamo, curador, poeta, falso artista, psiquiatra e antipsiquiatria – do que Carl Gustav Jung? Mencione o

nome dele para alguém e é provável que você escute um desses rótulos, pois Jung é alguém a cujo respeito as pessoas têm alguma opinião, consciente ou não.

Ainda segundo Shandasani (2021, p. 16), a isso Jung reagia com o seguinte comentário de que o fato de ser tão diversamente descrito como religioso, ateu, místico e materialista que, “(...) quando as opiniões a respeito de um mesmo assunto diferem amplamente, forma-se uma justificada suspeita de que nenhuma delas seja correta, isto é, de que existe um equívoco.” Ou seja, é certo que Jung e sua teoria precisam ser analisados de forma isenta, científica.

“A psicanálise contemporânea e a psicologia junguiana remontam-se a Freud e Jung de uma maneira muito diferente da de outras disciplinas. As linhagens históricas e genealogias têm funcionado como importante meio de legitimação e autorização para os profissionais do momento, enquanto as narrativas propriamente ditas seguem sem o devido exame.” (SHANDASANI, 2021, p. 25)

Pegando o mote, preciso afirmar que não é proposta deste texto fazer uma apresentação com base nos equívocos ou em uma ordem cronológica, mas antes uma busca por um Jung mais real, menos estereotipado, uma busca a partir da relevância dos conceitos e de sua importância para a Psicologia, pois entendo que basta uma pesquisa rápida, pela internet, para acessar a cronologia da vida de Jung ou os vários estereótipos que o cercam.

Carl Gustav Jung herdou o nome de seu avô, o prof. Dr. Carl Gustav Jung que, aparentemente já era alguém independente e original (HANNA, p. 25), contudo, de acordo com o próprio Jung, também apresentava uma característica tirânica com a família, o que certamente influenciou a personalidade do Rev. Paul Jung, que parecia não ter herdado a originalidade do pai, fato diversas vezes sinalizado por Jung, ao falar de seu pai. Quanto a influência materna, esta certamente teve um peso no jovem Jung, afinal, segundo ele mesmo, sua mãe era um grande mistério e apresentava personalidade 1 e 2. A relação com os pais lhe rendeu questões e reflexões sobre religião e Deus. Sobre eles afirmava que “Meus pais se esforçavam por levar uma vida piedosa e o resultado era a repetição frequente de cenas desagradáveis.” (JUNG, 2006, p.155)

Jung não vinha de uma família abastada, contudo, também não era pobre ou passara por necessidades e, desde pequeno manifestava a curiosidade sobre os comportamentos daqueles que o cercavam, sobre o ambiente e também sobre si mesmo. A vida próxima a floresta o enriqueceu de experiências reflexivas e a escola se tornou o

seu primeiro contato com uma neurose. Segundo Jung (2006 p. 62, 63) o colégio o aborrecia, não gostava de matemática, se interessava pelos fenômenos da natureza. “O que me extraviara fora a paixão de estar só, o fascínio da solidão. A natureza parecia-me cheia de maravilhas, nas quais eu queria mergulhar.” (JUNG, 2006, 62, 63)

Aos 12 anos aproveitando um evento de briga na escola arruma a desculpa ideal para não ir mais ao estabelecimento de ensino e cada vez que era cogitada a possibilidade de retornar à escola, tinha uma síncope, assim prosseguiu até que confrontado por uma conversa entre seu pai e um amigo e a vivência da manifesta preocupação de seu pai sobre o futuro do filho, é despertado para a necessidade de retomar a vida cotidiana e a escola. Segundo ele, isso “Foi como se um raio me ferisse. Sofrera o duro embate com a realidade – Ah, então é preciso trabalhar! (...) Foi assim que fiquei sabendo o que é uma neurose” (JUNG, 2006 p. 62). Portanto, Jung, desde cedo era um observador das suas próprias emoções e de como estas se relacionavam com os eventos ao seu redor.

Depois dessa breve apresentação do início de vida de Jung, cabe iniciar a fala sobre a sua escolha pela medicina e conseqüentemente psiquiatria. Jung entra na Universidade de Basileia e ainda aproveita, de alguma forma, um pouco do que ainda restava do prestígio do avô. Contudo, o principal era se ver livre da escola, já que isto marcava o início da liberdade de um ambiente, a escola, que teria sido o mais enfadonho de sua vida (HANNA, p. 86). Mas, o falecimento de seu pai o confronta novamente com a dura realidade de não ter recursos e ter que arcar com o sustento da mãe e da irmã e, embora pudesse ter sido mais fácil abandonar a universidade, entende que esta não seria a solução, decide por permanecer. Jung segue na medicina e na psiquiatria e se torna assistente em Burghölzli³. Permanece curioso sobre fenômenos psíquicos e, apesar de muitas das suas leituras, serem pouco consideradas no meio acadêmico “Ele sempre investigou e explorou o reino desconhecido do oculto, por mais tentado que fosse a descartar, em virtude do caráter impróprio deles, (...)” (HANNA, p. 76)

Essa curiosidade e dedicação a um estudo sem preconceitos e precedentes o levou a elaboração da maioria dos conceitos de sua Psicologia Analítica, especialmente o conceito de Inconsciente Coletivo. Contudo, é preciso ressaltar, aqui, outro fato importante da vida de Jung, sua mulher, Emma. O casamento trouxe para ele a tranquilidade financeira, sendo a esposa sua grande incentivadora e financiadora de suas

³ Como hospital de pesquisa, está associado à Universidade de Zurique. Também é chamado de Burghölzli, em homenagem à colina arborizada no distrito de Riesbach, no sudeste de Zurique, onde está localizado

pesquisas, estudos e viagens, colaborando ativamente para que ele se tornasse um psiquiatra proeminente e fundador da psicologia analítica. A presença da mulher sempre foi destacada por Jung, assim como as suas habilidades intelectuais, tendo sido participante ativa de várias de suas pesquisas. Sendo assim, casar-se com Emma foi um grande diferencial para Jung, não só pela tranquilidade financeira que obteve com o casamento, mas acima de tudo pela possibilidade de compartilhamento intelectual entre o casal.

Dito isto, partimos para o encontro entre Freud e Jung e se a relação dos dois era realmente de mestre e discípulo. O que é certo nisto é que ambos se reconheceram como estudiosos da psique, curiosos e desejosos de fundar um novo campo de estudos. Contudo, como afirma Taylor é um equívoco acreditar que o Dr. Carl Gustav Jung foi apenas um discípulo de Freud e que sua psicologia analítica seja apenas uma extensão da psicanálise, “Carl Gustav Jung, was a force in his own right in american psychoterapy quite independente of Freudian psychoanalysis. (...) His experimental studies of psychological complexes were reproduced and corroborated in American university laboratories.” (TAYLOR, 1998, p. 98) Jung já era reconhecido nos meios acadêmicos, antes de Freud, por seus trabalhos e pesquisas inovadoras no campo da psicologia, especialmente a pesquisa experimental sobre complexos e suas manifestações. Ou seja, não foi um simples discípulo, durante algum tempo foi um parceiro e, depois de algum tempo, um estudioso totalmente independente.

Freud não era bem-visto pelo meio médico da época, mas Jung tinha uma afinidade com seus pensamentos e foi um dos poucos que leu o livro dele sobre sonhos. Ao ser advertido por dois professores alemães de que deveria se afastar de Freud ou poderia ver sua carreira comprometida, respondeu: “Se o que Freud diz é verdadeiro, ficarei com ele. Pouco me importa uma carreira que silenciase a verdade e mutilasse a pesquisa.” (JUNG, 2006, p.183) E, embora até hoje a maioria dos estudiosos insistam em sinalizar mais as diferenças e controvérsias entre os dois, o que é certo é que ambos contribuíram de forma inegável para a psicologia e que existe um antes e um depois dos dois estudiosos. Portanto, a divergência afasta os pesquisadores daquilo que é realmente importante, a teoria desenvolvida por ambos. Sim, com diferenças, mas também com convergências. Sobre Freud, Jung afirmou, “Ninguém entre as pessoas que eu conhecia podia se comparar a ele. Em sua atitude nada havia de trivial. Eu o achei extraordinariamente inteligente, penetrante, notável sob todos os pontos de vista.” (JUNG, 2006, p. 184)

Concluída esta breve apresentação, sigamos para a conceituação elaborada por Jung e as discussões que mais aparecem em suas obras. Uma delas, com certeza, a questão do bem e do mal e Fausto de Goethe uma leitura que o instigou e levou à diversas reflexões sobre o assunto. Muito provavelmente influenciado pela vivência com o pai e os conflitos entre os dois, no que dizia respeito a bem e mal e a Deus, Jung se sentiu atraído pela leitura de Fausto e a discussão sobre a sedução do mal.

“Tínhamos em casa uma bela edição de Goethe. Li Fausto, que foi um bálsamo milagroso para a minha alma. Disse a mim mesmo: enfim, eis um homem que leva o Diabo a sério e que efetua com ele um pacto de sangue. Afinal, é um adversário que tem o poder de contrariar a intenção divina de criar um mundo perfeito.” (JUNG, 2006, p. 90)

A questão do mal, para ele, era algo que precisava ser levado a sério e para que assim fosse ele considerava necessário discutir o mal presente nas religiões, em Deus, e conseqüentemente em nós mesmos. Essa história o atraiu particularmente, arrisco a afirmar, devido a apresentação das possibilidades, confrontos e dualidades humanas e suas manifestações psíquicas diante daquilo que costumamos nomear como o mal. O livro é citado em várias de suas obras, por isso uma obra relevante dentro do desenvolvimento de sua teoria, ele afirma que “Ao falar excessivamente sobre o realismo e, na verdade, sobre um realismo “glacial”, Fausto denuncia a histeria: o realismo é uma pose. Ele faz um teatro realista, mas o que realmente quer é conquistar o mundo contra o mundo.” (JUNG, 2012, p.41) A discussão sobre o mal também permeou seu livro Resposta a Jó, no qual discute e questiona a bondade e a conseqüente maldade divina.

Outros autores influenciaram muito a discussão de Jung sobre o humano e suas manifestações psíquicas, como Nietzsche e Schiller. A filosofia foi base para várias de suas discussões. Para além disso, o que se pode concluir é que Jung foi um devorador de livros e conhecimento, o mundo o atraía, mas a partir da ótica das manifestações humanas, diante desse mundo.

II – Conceitos – mais retalhos

Até aqui espero ter apresentado um pouco o homem e suas peculiaridades, daqui para frente entro em alguns dos conceitos. Os primeiros estudos de Jung sobre complexos chamaram a atenção da comunidade científica da época e é justo afirmar que a solidez de suas pesquisas reverbera até hoje, embora muitos, mesmo na área da Psicologia, não deem

o crédito necessário a descoberta, apesar de usarem o conceito e discutirem a sua importância a todo tempo nos meios acadêmicos, esquecem de dar crédito a quem o cunhou. Para ele, “O complexo é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia...” (JUNG, 2016, p. 43)

Para atender ao Ego que, de acordo com a psicologia junguiana, é o complexo que representa o centro da consciência, aquele que organiza nossos pensamentos, sentimentos, sentidos, intuição e controla a nossa memória, decidindo o que fica na consciência e o que deve ir para o inconsciente, é preciso fundamentar o que são os outros complexos que nos habitam, então aí vai: “A constelação é um processo automático que ninguém pode deter por própria vontade. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria.” (JUNG 2013 p. 41) Portanto, nem mesmo o Ego pode deter uma constelação de complexo, gosto muito da fala de Jung (2013, p. 44) quando compara os complexos a “diabretes cartesianos”, pois concordo totalmente! São diabretes, que assumem o controle e infernizam a vida do ego.

Importante ressaltar que cabe a um ego saudável o diálogo com os “eus” que nos habitam, portanto, quanto mais unilateralizado estiver o ego, mais problemas teremos em nossa vida, sendo o ego apenas mais um complexo e não a totalidade de um sujeito, “A consciência origina-se de uma psique inconsciente, mais antiga do que a primeira, que continua a funcionar juntamente com a consciência ou apesar dela” (JUNG, 2017, p. 280). É exatamente isso que pode levar o ego a acreditar que é o senhor de tudo, e é a isso que chamamos unilateralidade do ego, ou seja, o ego passa a acreditar que é único e deixa de dialogar com os outros conteúdos que compõem um indivíduo. É esse diálogo, entre todos os conteúdos que compõem a estrutura psíquica consciente e inconsciente, que oportunizam o processo de individuação que é o reconhecimento e aceitação de todas as nossas partes.

O ego é ainda o responsável pelo “trânsito” das personas que são complexos intermediadores entre o ego e a cultura, são as nossas máscaras sociais. Estar saudável é transitar pelas personas, sem estar colado ou dependente delas, já que

“(…) ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva. Ela é um compromisso entre o indivíduo e a sociedade”. (JUNG, 2015, p. 151).

Um ego estruturante possibilitará uma fluidez entre os conteúdos conscientes e inconscientes, o que facilitará a vida do sujeito. Contudo, devido as demandas da cultura o ego se sente seduzido e pode levar o sujeito a ser apanhado em situações que o lembrarão do seu papel de mediador, mas não de senhor. Essas situações são apresentadas através de sintomas de adoecimento psíquico como, depressão, ansiedade ou também adoecimentos do corpo e sonhos. A essa relação constante entre inconsciente coletivo e pessoal e consciência, ego chamamos eixo ego-self.

Importante ainda pontuar que a teoria junguiana também é conhecida como teoria complexa, devido a importância dessa conceituação e sobre isso Jung (2016 p. 49) afirma,

“Freud foi o verdadeiro descobridor do inconsciente psicológico porque pesquisou esses pontos obscuros ao invés de os colocar de lado, classificando-os eufemisticamente como meros atos falhos. A *via regia* que nos leva ao inconsciente, entretanto, não são os sonhos, como ele pensava, mas os complexos, responsáveis pelos sonhos e sintomas.”

Dito isto, faz-se relevante apresentar o conceito de inconsciente coletivo e inconsciente pessoal, para Jung o inconsciente era muito mais do que o lugar dos desejos reprimidos. No inconsciente coletivo estariam depositadas toda a herança da humanidade, o armazenamento de milhões de anos de experiências humanas, os instintos e os arquétipos. “O inconsciente coletivo pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal” (JUNG, 2017, p. 51). O inconsciente coletivo seria a parte objetiva do psiquismo, a pertencente ao coletivo, portanto, “O inconsciente coletivo é a formidável herança espiritual do desenvolvimento da humanidade que nasce de novo na estrutura cerebral de todo ser humano.” (JUNG, 2013, p.103). No inconsciente coletivo estão depositados os nossos padrões arquetípicos, de origem desconhecida, arcaicos, os arquétipos.

“A palavra arquétipo deriva do grego e significa cunhagem original. Em psicologia, os arquétipos representam padrões da natureza humana. Como grandezas inconscientes, permanecem também irrepresentáveis e ocultos, mas se tornam indiretamente discerníveis pelas combinações que produzem na nossa consciência: os motivos análogos apresentados pelas imagens psíquicas e os motivos típicos de ação nas situações primordiais da vida— nascimento, morte, amor, maternidade, transformação etc. O arquétipo per se é como um criador por trás dos motivos arquetípicos, mas só estes são acessíveis à consciência”. (JAFFE, 1995, p. 18)

Para Jung, arquétipo e instinto são polaridades, (JUNG, 2016, p. 155). Seria como se eles fossem parte de um mesmo “corpo”, relacionados às experiências físicas corporais estariam os instintos e no polo contrário, o da energia estariam os arquétipos. Ambos seriam informações em constante movimentação. Enquanto o inconsciente coletivo é esta camada mais ampla, o inconsciente pessoal é a parte das experiências pessoais do indivíduo, as memórias perdidas, impressões subliminares e claro, os conteúdos reprimidos.

Outro conceito muito popular e, devido a isso, também sujeito a muitos equívocos é o conceito de sombra. A confusão fica por conta da compreensão de que a sombra é má e que está sempre repleta de conteúdos negativos, quando, na verdade, são todos os conteúdos reprimidos, negados e não reconhecidos pelo ego, ou seja, é tudo aquilo que o ego aprendeu que deve esconder, que deve reprimir. O ego decide se algo é bom, de acordo com os seus critérios, influenciado pela cultura em que está inserido, se ele julgar bom, vai para a persona, vai para o consciente; aquilo que decide ser ruim, vai para a sombra, para o inconsciente pessoal. A sombra funciona como uma função psíquica, a intermediadora entre ego e mundo interno. É um arquétipo, portanto não pode ser enquadrada em bem e mal, “A figura da sombra personifica tudo o que o sujeito não reconhece em si e sempre o importuna, direta ou indiretamente, como por exemplo traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis” (JUNG, 2017, p. 284)

Estes são apenas alguns conceitos junguianos, de uma colcha muito mais ampla. Mas, considero os conceitos iniciais que o levaram a teoria do processo de individuação, que deu corpo a Psicologia Analítica e a prática da psicoterapia, na busca por apresentar o processo humano, de totalidade.

Para concluir essa breve e retalhada apresentação, resalto a afirmação de Clark (1992, p. 33) de que Jung não defendia soluções definitivas e “(...) sempre considerou sua obra passível de revisão e reavaliação, a ela referindo-se amiúde como uma confissão e um mito pessoal e rejeitando a possibilidade de que seus pensamentos pudessem ser transformados num sistema.” Sendo assim, os conceitos junguianos estão apresentados para que sejam discutidos, avaliados, reavaliados, considerados e ampliados. Mas, claro! Sempre a partir de propostas sólidas, baseadas em pesquisas, reflexões, discussões.

Referências

CLARK, J. J. Em busca de Jung indagações históricas e filosóficas. Ediouro, 1992.

HANNA, Barbara. Jung vida e obra uma memória biográfica. Editora vozes, 2022.

JAFFÉ, Aniela. O Mito do Significado. 1ª Edição. Editora Cultrix. 1995

JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique. Volume 8, parte 2. 13ª Edição. Editora Vozes, 2016.

_____. Arquétipos e inconsciente coletivo. Volume 9, parte 1. 17ª Edição. Editora Vozes, 2017.

_____. A vida simbólica. Volume 18, parte 1. – Col. Obra Completa. 3ª Edição. Editora Vozes. 2011

_____. O Eu e o Inconsciente. Volume 7, Parte 2 - Apêndice. 11ª Edição. Editora Vozes. 2015

_____. Psicologia do Inconsciente. Volume 7, Parte 1. 11ª Edição. Editora Vozes, 2014

_____. Aspectos do drama contemporâneo. 10/2. Editora vozes, 2012.

_____. Memórias, sonhos, reflexões. Org. Aniela Jaffé. Nova fronteira, 2006

_____. A natureza da psique. 8/2. Editora vozes, 2013

TAYLOR, Eugene. Jung before Freud, not Freud before Jung: the reception of Jung's work in American psychoanalytic circles between 1904 and 1909. Journal of Analytical Psychology, 1998, 43, 97-114

SHAMDASANI, Sonu. Jung e a construção da psicologia moderna O sonho de uma ciência. Ideias & letras, 2005